



Biograph



NARRART: AUTOBIOGRAFIA DE FORMAÇÃO

Joana D'arc Chaves de Campos UFPA/ jdcc.darc@gmail.com
Silvia Nogueira Chaves UFPA /schaves@ufpa.br

Neste trabalho, apresenta-se uma produção desenvolvida no âmbito do projeto de Iniciação Científica “A linguagem artística e cinematográfica na pesquisa autobiográfica de formação”, que é parte integrante do Projeto “Autobiografia, arte e cinema na formação docente”. Esta produção consiste em um monólogo encenado e montado, no qual foram reunidos textos e objetos que estavam guardados desde a pré-adolescência e adolescência cartas de amigos, familiares e alguns escritos que foram produzidos em diferentes momentos da vida. Narrativas que contam de certa forma quem se foi um dia aos olhos do outro e os pensamentos de uma época marcada por conflitos familiares, conflitos ideológicos, entremeando com vivências da fase adulta “Joana filha, mãe, irmã, universitária, amiga e se desligando de algumas doutrinas religiosas”. Ao mesclar as etapas da vida monta e desmonta alguém que nunca se completa e (re)vive os mesmos conflitos em diferentes fases, porém a forma de relacionar-se com o mundo não é a mesma. A partir dela se pode experimentar e problematizar outros modos de subjetivação, pensando-se não a partir de lugares definidos por outros, mas de um olhar inventado a partir do momento presente, o que faz pensar que somos múltiplos, não só em termos de vivências, mas também como possibilidades de nos dizermos. Em termos formativos e investigativos esse tipo de experiência, que se põe para além dos processos de reconhecimentos identitários, abre espaço para formas criativas e novas de se pensar a prática pedagógica como campo de experimentação e não de aplicação de regras e condutas universais. Para uma vida singela, um cenário descomplicado, pois tudo é inventado em uma sala de aula com equipamento de

som que reproduziu recortes de músicas enquanto (com)posições de um sujeito foram sendo encenada.

(Com)Posições de um Sujeito

É possível se desligar por alguns momentos das posições de sujeitos que ocupamos? “O educador, em sua individualidade, sempre está situado em uma posição de sujeito. Entretanto, não despreza a inter-relação com a posição de outros sujeitos” (CARVALHO, 2011, p.15), também não se desliga da multiplicidade que existe nele próprio, cada sujeito carrega na bagagem o modo que foi subjetivado, objetivado, acontecimentos, deslocamentos e descontinuidades de sua trajetória.

“Tenho aqui uma porção de coisas lindas nessa coleção”¹ por meio de músicas, objetos, textos, brinquedos, conta-se e canta-se uma história de vida de uma futura professora dos anos iniciais. Essa experiência possibilita pensar que “o processo de subjetivação é a produção de novas possibilidades de existência e de certos estilos de vida, é a produção da existência como “arte” (GARCIA, 2002).

Na (auto)biografia deixa-se aparecer posições de sujeito que se ocupa no cotidiano, criando um modo de (re)contar coisas que ficaram no passado, que naquele instante se torna presente e o futuro como a possibilidade de (re)invenção de um sujeito que não se completa. As fases que são contadas não são complementos uma das outras, mas tempo/espaço que ora se superpõem, se sucedem, se negam, mas, sobretudo, montam uma vida criação, contada e cantada de diferentes modos, composta de itinerários cambiantes que não tem o propósito de inventariar o vivido, mas de recriá-lo permanente e renovadamente.

O que te canta e o que te conta?

O trabalho (auto)biográfico realizado fez parte de uma atividade no curso de licenciatura Integrada em Ciências Matemáticas e Linguagens (LIECML). Ele foi desencadeado pela provocativa indagação “O que te canta e o que te conta?”, feita no

¹ Música: “Parte do seu mundo”. Filme: Pequena Sereia, Disney.

âmbito das atividades desenvolvida no Eixo “Abordagens Curriculares”². Como nas demais atividades propostas no eixo não existia um roteiro a seguir, um “como se faz” ou “como deve fazer”. A intenção era criar um modo próprio de se contar e cantar e para isso se poderia lançar mão de qualquer recurso narrativo, imagético, performático, escrito. O objetivo era sair dos relatos viciado de uma suposta vida de professor, na qual tudo justifica e conduz à escolha profissional.

Atividades como essa, uma espécie de “dever de casa”, permite os licenciados deixarem aflorar a criatividade. Na história aqui relatada optou-se por construir mixagens de fases, lugares que dissessem e fizessem aparecer uma subjetividade em fluxo, aberta, que permitisse “estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o ‘lugar’ do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de suas aparições” (FOUCAULT, 1970, p. 53).

De tantas músicas que poderiam embalar aquela (auto)biografia, foram escolhidos sete trechos de músicas para cantar a história, segue no quadro sequência, nome e autores das músicas:

Nome da música	Cantores
Parte do seu mundo	Filme a Pequena Sereia
Sina	Djavam
Mama África	Chico César
Sutilmente	Skank
Se essa rua fosse minha	Cantiga Popular
Sinceramente	Cachorro Grande
Amanhã não se sabe	LS Jack

² A LIECML é uma licenciatura voltada para a formação de professores para atuar nos anos iniciais de escolarização. Seu currículo não é disciplinar. Ele está organizado a partir de eixos de ensino. Cada Eixo está distribuído em temas que são distribuídos ao longo dos semestres do curso.

Metamorfose	Raul Seixas
-------------	-------------

Jo-ana(s)

“De qualquer maneira, tanto os diários pessoais como as cartas, não se fecham em si mesmos, elas são um convite a pensar sobre si, mas também em relação aos outros. As duas formas de escrita são feitas de fragmentos do que se vê, do que se ouve, do que se lê – são escritas feitas de outras escritas. Escritas que produzem outras escritas e outras formas de pensamento” (LOPONTE, 2002).

Ao encontrar a bailarina guardada Joana calça a sapatilha de ponta que dançou e caminhou suas histórias de infância e ao (re)ler as cartas de mãe, amigos, avô, primos, irmão e irmã, tem um encontro com as Jo-ana(s), (des)conhece-se a cada leitura, dança o ballet ao som de “Parte de seu mundo” com a Pequena Sereia, vê-se tão querida e amada aos olhos de todos que um dia escreveram para ela, um alguém que tão importante aos olhos da família, nas frases marcadas pelo aconchego do lar "Joana, você é muito especial para todos nós" (mamãe).

Entre os amigos há também paixões de escola, os proibidos que nem chegam a ser materializadas, todos a amariam em um tempo chamado "sempre" que se acabou quando terminou o ensino fundamental.

Esse (Des)encontro também foi marcado pela formação religiosa, de uma pré adolescente que buscava a santidade, percebe nas linhas desses relacionamentos a paciência de Jó e a ternura da Ana, personagens bíblicos, que juntos formam Joana aquela que se dedicou a Jesus, cujo o nome deriva de João o apóstolo e seguidor do filho de Deus. Entretanto Joana se desliga de tais doutrinas segue uma outra “ordem do discurso”, “própria a um período particular” (REVEL, 2002, p.37) marcada por acontecimentos que não são revelados no monólogo.

Licença para ser universitária

Marcas indeléveis são deixadas em mulheres quando se tornam mãe. Seu corpo grávido andou pelo campus da universidade em seguida seu corpo mãe, “meu corpo é o lugar sem recurso ao qual estou condenado” (FOUCAULT, 1966, p. 8), sua sentença a partir disso é ser mãe, nesse mundo “que ser mãe é...”, em que se convencionou a considerar o amor maternal como algo inato, certo e jamais falho (BADINTER, 1985). Então, Joana pede licença para ser também universitária, vivendo todas as situações que norteiam as duas posições de sujeito, acertar e errar em cada uma delas. É mãe-universitária e universitária-mãe faz uma simples demarcação para diferenciá-las.

No ambiente acadêmico é a universitária-mãe tendo deveres resolvidos em sala de aula, os que vão para casa, prazo a ser cumprido, isso parece ser igual aos demais licenciandos? Sim é igual, as tarefas não se diferenciam. Entretanto, quando se ultrapassa os muros da universidade há outro universo da mãe-universitária, aquela que lida com as demandas do filho, carinho, atenção, dar de comer..., o que muda nas duas nomenclaturas além da ordem das palavras é o modo de conduzir as situações que serão vividas, a maneira que conduz a realização das coisas que lhe são determinadas como obrigações.

No monólogo apresenta-se a mãe-universitária, que está fazendo ou cumprindo as pendências que surgem no lar e pensando em “como realizará a tarefa de escrever uma (auto)biografia” um telefonema quebra esse pensamento, são elas as “Lig-ações: cobranças”. Quando as atividades são realizadas em equipe as cobranças geralmente ocorrem por meio de ligações, pedindo uma ação quase que imediata para solucionar problemas de atividades de classe.

“Mesmo que o mundo acabe, enfim dentro de tudo que cabe em ti”³, dentre tantas coisas que cabe em nós e nos pensamentos que conduzem as ações de uma mãe-universitária, universitária-mãe ou de qualquer outro graduando, há um espaçinho para ouvir o outro, receber as demandas que surgem, acalmar os amigos, dizer que tudo vai dá certo, que a atividade vai ser realizada, ser otimista, afinal ninguém faz uma ligação para aquele que não vai nem atender, há também o fato de não querer deixar para depois, pois todas as atividades acadêmicas ser tão urgente e os prazos para as entrega de trabalhos não esperam parecem se esgotar rapidamente, logo decide atender o telefone e recebe mais uma tarefa na lista da universitária-mãe.

³ Música: Sutilmente, banda: Skank

Ninar bebê, se o pensamento deixar

Depois de desligar o telefone é hora da mãe-universitária colocar seu filho para dormir, agora com a nova tarefa a ser cumprida: pensar um título para outro trabalho, “o do grafite”. O trabalho envolvia grafite e arte nas escolas, logo o título para a pesquisa precisaria estar de acordo com essa temática. A equipe queria uma frase criativa, algo que provocasse em quem lesse envolvimento direto com o ambiente escolar.

A prioridade de Joana ali era que o filho adormecesse para poder pensar de modo mais calmo em todas as tarefas. “Será que consigo?” Indaga-se, “Eu ainda estou em transe nas (pre)ocupações que tenho”, pensa. Então começa a cantar para o bebê dormir logo: “Se essa rua fosse minha eu mandava ladrilhar, com pedrinhas de brilhante para o meu amor passar”⁴.

O mesmo trecho é cantado a primeira vez, na segunda vez em que repetia ao mesmo tempo pensava em mudar as palavras da música e colocar aquilo que pulsavam em seus pensamentos “grafite”, “escola”, “aluno”, “grafitar”, “spray”, “colorido”, então retira algumas palavras da cantiga que ninava o filho, e reúne todas as que estava pensando e canta o título de seu trabalho: “Se essa escola, se essa escola, fosse minha, eu mandava, eu mandava grafitar. Com um spray, com o spray bem colorido. Para o meu, Para o meu aluno passar”. A cantiga que adormecia o filho, agora acordava adultos que pretendem propor diálogos entre a arte do grafite e a escola.

(Vi)vendo a (auto)biografia

Sem dúvidas trabalhos (auto)biográficos não acabam, ainda continuam sonhos, projetos, desejos, a universidade, a mãe falível, porém agora sabe que pode (re)montar, colar o meio no aquilo que poderia ser chamado fim, reunir uma coleção de dedicações de carinhos, entulhadas em algum canto da casa e embalar na música que quiser e fazer de vida um registro feliz.

Aqui em uma escrita feita a partir daquilo que a cantava e contavam, nasce uma nova escritura de si, pensamentos se movem em um tempo que não volta, pensar a vida em

⁴ Música: Se essa rua fosse minha, Cantiga popular

um espaço para formação de professores dos anos iniciais na perspectiva de (re)invenção de ideias, é **experimentar outros modos de subjetivação, pensar não a partir de lugares definidos por outros, mas de um olhar inventado a partir do momento presente, que faz pensar que somos múltiplos, não só em termos de vivências, mas também como possibilidades de nos dizermos. Em termos formativos esse tipo de experiência, que se põe para além dos processos de reconhecimentos identitários, abre espaço para formas criativas e novas de se pensar a prática pedagógica como campo de experimentação e não de aplicação de regras e condutas universais.**

Referências

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova fronteira. 1985.

CARVALHO, Alexandre Filordi. Função-educador: em busca de uma noção intercessora a favor de experiências de subjetividades ativas. In: RESENDE, H. (org.). **Michel Foucault: Transversais da educação, filosofia e história**. Belo Horizonte: Autêntica. 2011.p. 9-22.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola. 2013.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições. 2013.

GARCIA, Maria Manuela Alves. **Pedagogias críticas da subjetivação: uma perspectiva foucaultiana**. Petrópolis: Vozes. 2002.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Escrita de si e docência em arte: o privado e o público na formação de professoras**. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/educacao_e_comunicacao/Mesa_Redonda/12_46_33_mhttp://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20%28pdf%29%20%28rev%257-301.pdf. Acesso em: março/2016.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz. 2005.